

Editorial vol. 41 n. 3

Ariane Holzbach (UFF)
Camilla Tavares (UFMA)

Chegamos ao fim de um dos anos mais desafiadores dos últimos tempos para brasileiros e brasileiras. Os ataques que presenciamos constantemente às universidades e, sobretudo, à Ciência têm adicionado uma camada a mais de preocupação a todos aqueles que se dedicam ao avanço do conhecimento em nossa sociedade, especialmente na área das Humanidades e Ciências Sociais.

Na área da Comunicação, presenciamos, além dos contingenciamentos das verbas dedicadas à Educação, o anúncio do fechamento de programas de pós-graduação tradicionais do nosso campo. Porém, mesmo com tantos obstáculos que muitas vezes nos fazem repensar os caminhos que escolhemos, decidimos seguir. Acreditamos que nosso papel é muito mais do que entender e criticar os sistemas vigentes e sempre injustos que instituem desigualdades; como editoras de um periódico científico sério, sabemos que nosso trabalho coloca algumas peças a mais na busca por um mundo mais justo e horizontal, pois a Ciência que defendemos é a Ciência que questiona, resiste, opera, concretiza, materializa e, sobretudo, modifica. Entendemos que 2022 terminou e agora é hora de juntarmos os cacos da pandemia da COVID-19, os cacos de um governo que nos assolou por quatro anos, os cacos de uma superestrutura que ainda impera evocando violências simbólicas de toda ordem. Estamos já juntando os cacos na certeza de que é possível rearranjar parte das mazelas erigidas nos últimos quatro anos e também nos últimos 500 anos, com foco e confiança num 2023 mais plural, apoiado por um governo que, se certamente não será perfeito, que ao menos tenha a sensibilidade social e científica que precisamos recuperar.

Depois de muito trabalho, temos orgulho e alegria de apresentar a última edição da Revista Contracampo de 2022, que traz sete artigos com temáticas livres.

A edição inicia com o artigo “‘Não basta ser pai, tem que participar’? Presenças e ausências do masculino no cuidado com os filhos em anúncios de produtos para bebês no Instagram”, de Luis Mauro Sá Martino e Carolina Tonussi (Cáspere Líbero). Neste trabalho, o autor e autora discutem o lugar que a figura paterna tem em propagandas de produtos para bebês no Instagram, evidenciando que as desigualdades de gênero ainda estão muito presentes nessa área, já que o pai, quando aparece, está mais ligado à diversão do que ao cuidado do bebê. Em seguida, na mesma linha de investigação, temos o artigo “Amores de mãe, amores demais, amores de mal: imagens da telenovela *Amor de mãe*”, de Sandra Fischer e Aline Vaz (UTP), que buscam identificar os laços maternos firmados pelas personagens nos arranjos estéticos de convívios domésticos instalados em casas-conchas/casas-calabouços, cujas configurações são transformadas por apropriações sensíveis que ressignificam enlances e aprisionamentos físicos e afetivos.

O terceiro artigo da edição, “Os corpos femininos como objeto de abjeção e tortura na ditadura civil-militar brasileira”, de Flaviana de Freitas Oliveira, Pedro Angelo Pagni, Ana Maria Klein e Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo (UNESP), propõe uma reflexão sobre como as torturas da época da ditadura militar foram vinculadas às performatividades de gênero e às divisões sexuais binárias “homem-razional” versus “mulher-emocional”. O argumento é de que os corpos femininos militantes eram objeto de desprezo pelo aparelho repressor. Na sequência, a pesquisa de Juliana Ayres Pina, Sandra Maia e Maurício

Ribeiro da Silva (UNIP) intitulada “Irmandade do Rosário dos Homens Pretos da Penha: O corpo no rito e na festa enquanto mídia de resistência”, investiga como os rituais e festejos mantiveram viva a irmandade do Rosário dos Homens Pretos da Penha, na zona leste de São Paulo, desde o século XVIII, a partir da observação participante. As autoras e o autor partem do reconhecimento da importância da transmissão oral na comunicação popular e comunitária para preservação da memória e resistência às lutas e enfrentamentos impostos à irmandade para a manifestação de sua fé.

O quinto artigo da edição, “A lógica da obliteração como repertório: O embranquecimento reencenado ao longo da memória arquivada de Aquarius”, de Pollyane Belo (UERJ), propõe uma reflexão sobre os elementos estéticos, afetivos e narrativos que mediam a branquitude e a negritude quando conveniente e, com isso, obliteram traços racializados não-brancos de uma corpo-subjetividade negra, tomando como objeto de análise cenas do filme *Aquário*, a partir da construção da personagem Clara, interpretada por diferentes atrizes ao longo da história. Já o artigo “Coisas, mundos, traduções: dobras para uma comunicação pelo equívoco”, de Evandro José Medeiros Laia e Lara Linhalis Guimarães (UFOP), apresenta um modelo de comunicação a partir da virada ontológica, tomando o conhecimento dos povos originários do Brasil a partir da comunicação das coisas; a comunicação entre mundos; e a operação tradutória xamânica ameríndia, que tomam como referência para pensar a comunicação pelo equívoco. Por fim, fechamos a última edição deste ano com o trabalho de Lennon Macedo (UFRGS), “Justo uma fábula: notas sobre a política dos atos de fala em Bamako”, em que o autor realiza um estudo do filme *Bamako* para identificar como os atos de fala fabulatórios configuram a política da produção, concluindo que há um modo singular de agenciar a palavra fabulatória e a palavra cotidiana na produção de novas visibilidades e novos mundos na presente obra.

E assim chegamos ao final de 2022. Não poderíamos deixar de agradecer à toda a equipe editorial da *Contracampo*, que faz um trabalho com responsabilidade e comprometimento; a todos os autores e autoras que escolheram a nossa revista para publicar os resultados de suas pesquisas; aos editores convidados, que trabalharam conosco na editoração dos dossiês; e aos avaliadores, que fazem um trabalho árduo e muitas vezes pouco reconhecido, mas sem o qual a produção científica não seria possível.

Desejamos a todos e todas uma ótima leitura, um Feliz Natal e um excelente início de ano.

Que 2023 chegue com muita esperança de dias melhores!

EQUIPE EDITORIAL

Editoras-chefes

Ariane Holzbach (UFF)
Camilla Quesada Tavares (UFMA)

Editores-executivos

Paula Fernandes (coordenadora)
Daniel Rios
Daniela Araújo
Gabriel Ferreirinho
Joelton Barboza
Matheus Bibiano
Renata Menezes Constant
Rodrigo Reis

Triagem

Mayara Araújo (coordenadora)
Lieli Loures

Revisão

Ana Luiza de Figueiredo Souza (coordenadora)
Ana Paula Oliveira
Beatriz Medeiros
Edylene Severiano
Kárin Klém
Larissa Carvalho
Leticia Sabbatini
Pedro Alves
Rodrigo Quinan
William de Abreu

Tradução / Versão

Leonam Dalla Vecchia (coordenador)
Deborah Santos
Gisele Delatorre
Inês da Silva Alves
Jessika Medeiros
Manoela Mayrink

Projeto gráfico / Diagramação

Alan Fragoso (coordenador)
Thayane Guimarães (coordenadora)
Aleks Moreira

Planejamento estratégico

Angélica Fonseca (coordenadora)
Daniela Mazur
Adonay Guerra

Comunicação

Lucas Bragança (coordenador)
Cheila Pacetti